

Música e Intergeracionalidade na Educação de Jovens e Adultos

Guiomar Carvalho Ribas
Professora do CPCMR-Recife
e-mail: guiomarcarvalho@yahoo.com.br

Resumo:

Esta comunicação apresenta o resultado de uma pesquisa de doutorado em educação musical cujo objeto foi construído pela intersecção dos eixos temáticos, Educação de Jovens e Adultos, intergeração, e práticas musicais. A pesquisa teve por objetivo central compreender como se articulam as práticas musicais de estudantes de distintas gerações na EJA. Para isso, fez-se necessário refletir sobre as formas de interação que ocorrem a partir das práticas musicais presentes no CMET Paulo Freire; analisar como o contexto da EJA produz e interfere nessas práticas musicais; examinar se existe um processo musico-educacional recíproco entre esses/as estudantes de diferentes idades. Nesse estudo busquei problematizar sobre práticas musicais daqueles/as que não se encontram em idade pensada como “ideal” para iniciar ou aprofundar sua formação nessa área, embora a apropriação e a transmissão da música ocupe um lugar importante em suas cotidianidades. Teoricamente a pesquisa está baseada em estudos que abordam a temática geracional (Ariès, 1991; Lorret, 1997; Debert, 1998; Hareven, 1999; Mannheim, s/d), em como estudos da educação musical (Small 1984; Arroyo, 1999; DeNora, 2000; Souza, 2004). A metodologia utilizada é o estudo de caso, tendo como campo empírico uma instituição escolar da EJA, localizada em Porto Alegre. Foram realizadas observações nas aulas e oficinas de música, entre outros espaços, bem como, entrevistas com dezessete estudantes cujas idades variaram entre 21 e 78 anos. Teoricamente a pesquisa está baseada em estudos que abordam a temática geracional (Ariès, 1991; Lorret, 1997; Debert, 1998; Hareven, 1999; Mannheim, s/d¹), em como estudos da educação musical (Small 1984; Arroyo, 1999; DeNora, 2000; Souza, 2004). Ao analisar experiências musicais de estudantes de distintas gerações, procurando compreender como elas se constituem e articulam, considero que a EJA, no cenário pesquisado, promove uma sociabilidade entre seus estudantes, onde a co-educação (Salles Oliveira, 1999) musical se gesta.

Palavras-Chave: educação musical, intergeração, EJA.

Introdução

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre práticas musicais entre estudantes de distintas gerações no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) desenvolvida no PPG de Música da UFRGS. A EJA teve suas Diretrizes Curriculares Nacionais instituídas em maio de 2000 pelo Conselho Nacional de Educação, através da aprovação do Parecer nº 11/2000. Sua função primordial é oferecer escolaridade aos que não tiveram acesso ou continuidade à educação básica, indivíduos das classes populares em sua quase totalidade (ver Di Pierro e Graziano, 2003; www.mec.gov.br/cne). Esse contexto educacional atende pessoas de idades bastante diversas – a partir de 14, não havendo limite quanto a idade máxima – em uma mesma sala de aula como ação institucionalizada e rotineira.

O campo empírico foi o Centro Municipal de Educação de Trabalhadores Paulo Freire (CMET Paulo Freire), escola da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre, criada em 1989 para

¹ s/d significa sem data de publicação

fins exclusivos da EJA. Durante a realização deste estudo, a escola atendia uma média anual de 1400 estudantes. No CMET Paulo Freire a música faz parte do currículo como uma modalidade das disciplinas em artes. Aulas com duas horas semanais e oficinas opcionais com seis horas semanais de música são ministradas por duas professoras da disciplina.

A pesquisa teve por objetivo central compreender como se articulam as práticas musicais de estudantes de distintas gerações na EJA. Para isso, fez-se necessário refletir sobre as formas de interação que ocorrem a partir das práticas musicais presentes no CMET Paulo Freire; analisar como o contexto da EJA produz e interfere nessas práticas musicais; examinar se existe um processo músico-educacional recíproco entre esses/as estudantes de diferentes idades.

É no sentido das interações entre distintas gerações de estudantes da EJA no que diz respeito à apropriação e transmissão de suas práticas musicais que a discussão está pautada neste estudo. Seu foco incide sobre as relações interativas musicais que se estabeleciam entre estudantes em uma escola da EJA, colocando face a face pessoas de idades diferentes em situação de coexistência/convivência musical. Trata-se, portanto, de um estudo sobre práticas musicais daqueles/as que não se encontram em idade considerada “ideal” para iniciar ou aprofundar sua formação nessa área, embora a apropriação e a transmissão da música ocupem um lugar importante em suas cotidianidades.

Ao atender pessoas de tão diferentes idades (como mencionado de 14 a mais de 90), a EJA vai na contramão da organização dos demais níveis de ensino, que em geral buscam uma simetria entre série ou ciclo e faixa etária. Todavia estudantes de distintas idades frequentando a mesma sala de aula é uma regra e não exceção nessa cultura escolar. Nessa maneira singular pela qual se dá a articulação de saberes, talvez esteja uma das maiores riquezas, e ao mesmo tempo uma das maiores dificuldades, que tal configuração escolar propicia.

Um problema que o estado de conhecimento organizado por Haddad (2002) revelou, é que os estudos sobre a EJA tendem a massificar as/os estudantes, analisando-as/os como um segmento homogêneo. Entretanto, a escola, e os indivíduos que a constituem, precisam ser conhecidos enquanto universos de sociabilidade e de práticas culturais diversas. Como coloca Sposito (2001, p.98) “no espaço escolar, ora trabalhamos com a categoria de aluno ou estudante, ora recuperamos a categoria de trabalhador, para designar um tipo de relação derivado da classe social. Assim, outras dimensões como o gênero - homens ou mulheres - ou a geração - crianças, jovens e adultos – desaparecem”.

Nesse sentido, a proposta de investigar sobre as práticas musicais de estudantes da EJA, buscou ir ao encontro da necessidade de compreender esses/as sujeitos sociais - não crianças, trabalhadores/as e excluídos/as - considerando sua diversidade sociocultural, particularmente a musical. Para isso, no que diz respeito ao campo da música, considerei teorias educacionais contemporâneas que entendem o fenômeno musical como culturalmente referenciado, passível de múltiplas interpretações e socialmente construído (Small, 1984; Arroyo, 1999; DeNora, 2000; Souza, 2004). Ademais, a partir da discussão sobre a construção social das gerações, situando conceitos e debates sob a perspectiva das ciências sociais e da educação (Àries, 1981; Lloret, 1997; Debert, 1998; Hareven, 1999; Mannheim, s/d), busquei problematizar sobre a co-educação (Salles Oliveira, 1999) musical na cultura escolar da EJA.

A opção metodológica adotada foi o estudo de caso. A inserção no campo transcorreu no decurso de três fases entre setembro de 2002 a abril de 2005. O quadro a seguir sintetiza as fases do processo de inserção no campo em seu fluxo temporal:

Fase 1	Primeiros contatos e Observações livres	Setembro a novembro/2002 Maio a junho/2003
Fase 2	Observações livres e Observações participantes	Agosto a dezembro/2003 Abril a junho/2004
Fase 3	Entrevistas semi-estruturadas e Observações participantes	Agosto a dezembro/2004 Março a abril/2005 Agosto a setembro/2004

Quadro 3.1: fases do trabalho de campo

Observações livres me permitiram dirigir o "olhar" para os/as estudantes em seus espaços de circulação na Escola, particularmente calçada, corredores e biblioteca. O uso dessa técnica possibilitou apreender aspectos do cotidiano desses/as estudantes de distintas idades, familiarizando-me com situações de interações musicais entre eles/as, oportunizando assim observar esse fenômeno sob aspectos variados. Além da *observação livre*, foi realizada a *observação participante* nos espaços das oficinas e aulas de música. A *observação participante* serviu de meio de análise, centrada na compreensão da problemática do estudo, "a partir das diversas significações que os participantes na ação lhes conferem" (Estrela, 1994, p.34).

Entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com dezessete estudantes, cujas idades durante o período de permanência no campo oscilou entre 21 a 78 anos. A quantidade de entrevista variou de uma a três. Isso se deu devido à ausência de alguns estudantes por questões diversas como doenças de parentes, por motivo de trabalho ou saturação de dados.

Resultados

Este estudo revelou como a música é importante para estudantes de distintas gerações. As falas de alunos/as quer de 21, 30, 65 ou 78 anos, entre outras idades, mostrou que a música se presentifica em suas vidas sem fronteiras etárias. Ou seja, não apenas os/as entrevistados/as mais jovens, como os/as mais velhos, escutam, tocam, fazem, dançam e compartilham música(s).

Muito dos anseios, projetos e práticas musicais dos/as entrevistados/as apresentam-se comuns em vários aspectos, embora situações de distinções também se façam presentes. Apesar do interesse pela música, suas diferentes vivências musicais geram graus variáveis de tensionamentos e conflitos. Isso fica particularmente notório quando comentaram sobre o repertório que se identificam ou sobre a música do outro, pois é na relação com o repertório que as diferenças se exacerbam:

Para Célia Outono (78 anos) "esse negócio de rap é besteira" (Célia Outono, E2, p.198-199). E refere-se a Roberto Carlos, Maria Betânia, Ângela Maria, Dorival Caymmi e Dalva de Oliveira como seus ídolos.

Iara (49 anos) acredita que "a gurizada parte mais para o pagode, música pop tipo John Lenon e aquelas mais faladas [referindo-se ao *rap*]". Já os mais velhos, segundo ela, "gostam daqueles cantores bem antigão", dando como exemplo Chico Buarque e Maria Betânia (Iara, E2, p.109).

Edson (28 anos) ao mostrar sua opinião acerca das músicas apreciadas por ele e seus colegas, diz que os/as mais velhos gostam de música mais calma, de música clássica, música brasileira, jovem guarda, "as músicas do tipo deles, aquelas músicas antigas que os pais deles cantavam, tocavam para eles. A música do nosso tempo é mais agitada, mais rápida, mais animada com certeza. Nem sempre eles [mais velhos] gostam também. Algumas exceções gostam, mas os outros não" (Edson, E2, p.53). Para Edson, pagode, *hip hop*, *dancing*, música brasileira e *funk*, "ajudam a avançar mais", "ajuda a ir em frente", "dá ânimo". (Edson, E2, p.55).

Entretanto, esse mesmo campo de embates se constitui como espaço de trocas musicais. Diva (72 anos), mesmo dizendo que, a música do/a jovem é outro tipo de música "é um barulho

bem forte. *Rap*, essas coisas”, e que ela e demais colegas de sua geração, gostam de “música mais lenta, que a gente entenda, que possa escutar, prestar atenção” (Diva, E2, p.38-39). Entretanto tece o seguinte comentário: “Não é que eu não goste das músicas dos jovens, mas é que são barulhentas. Mas às vezes eu escuto essas músicas. [...] Tem músicas deles que me faz muito bem, os guris às vezes gostam de músicas boas. Esses artistas aí, essas bandas, têm bandas boas” (Diva, E2, p.38).

Célia Primavera (30 anos) conta que frequentemente supera dúvidas e troca conhecimentos em música com colegas, especialmente Ereni (65 anos) e Célia Outono (78 anos): Menciona que “quando termina o ensaio a gente [ela e as colegas mencionadas] senta e fica perguntando [...] se projetamos a voz, se estamos cantando alto ou baixo. A gente faz uma auto-avaliação da gente mesmo”.

Outro aspecto revelado é que a música na Escola representa algo que vai além de mera atividade de entretenimento para essas pessoas. Mais que isso, suas falas e ações apontaram para que a música no contexto da Educação de Jovens e Adultos seja um espaço de formação e que abarque um repertório mais diversificado. Aspecto ainda não suficientemente contemplado no período do presente trabalho, segundo a ótica dos/as entrevistados/as.

Revelou-se também que vários estudantes pesquisados/as, independente da idade, mostram-se desejosos em aprofundar seus conhecimentos musicais. Alguns como Ereni (65 anos), Jaqueline (34 anos), Maria Helena (64 anos) pretendem aprimorar-se como cantores/as, outros querem aprender um instrumento, é o caso de Iara (49 anos) e César (21 anos), outros ainda querem compor melhor, é o que pretende Jaqueline (34 anos) e montar sua própria banda. Esta aluna espera que o ensino de música na Escola lhe possibilite continuar posterior aprofundamento.

Conclusão

A Educação de Jovens e Adultos é um campo fértil para o debate intergeracional por ser um espaço escolar socialmente mais heterogêneo do ponto de vista das idades dos/as estudantes que a constitua. Através de experiências musicais face a face entre ditos jovens, velhos e adultos, nas diferenças, similitudes (explícitas ou ocultas) desse convívio, uma relação de sociabilidade se constrói ao redor da música nesse cenário, formado por mundos musicais tão heterogêneos.

Ao analisar experiências musicais de estudantes de distintas idades, procurando compreender como elas se constituem e articulam, considero que a EJA, no cenário pesquisado, promove uma sociabilidade entre seus estudantes, onde a co-educação musical se gesta.

Um desafio que se coloca para educadores/as musicais que pretendam trabalhar ou atuem na EJA é justamente encontrar as conexões de gostos, desejos, repertório, aprimoramento técnico, dos/as estudantes de diferentes gerações, dentro de um espaço de ensino de música significativo.

Esse trabalho suscita outros questionamentos acerca da educação musical intergeracional: como lidar com a diversidade musical nesse contexto escolar? A EJA demanda estratégias específicas para o ensino de música? Quais conteúdos essa disciplina deve contemplar? Em que medida os programas de formação (quer dita inicial ou continuada) têm abordado a co-aprendizagem musical em espaços intergeracionais (EJA, Canto Coral, entre outros)?

Questões como essas parecem ser fundamentais para otimizar as práticas de ensino de música na EJA tendo como foco a questão intergeracional.

Referências Bibliográficas

- Ariès, Philippe. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara. 2. ed. Tradução: Dora Flaksman.
- Arroyo, Margarete. (1999). *Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical: um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de Música*. Tese de Doutorado em Educação Musical. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Brasil. Ministério da Educação. (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais da EJA*. Brasília, 2000. Disponível em: <www.mec.gov.br/cne>. Acesso em: em fev. 2003.
- Debert, Guita Grin. (1998). A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: Barros, Myriam Moraes Lins (Org.). *Velhice ou terceira Idade?* Rio de Janeiro: FGV, p. 49-67.
- Denora, Tia. (2000). *Music in everyday life*. Cambridge: University Press.
- Di Pierro, Maria Clara; Mariângela Graziano. (2003). *Educação de Jovens e Adultos no Brasil*. São Paulo: Ação Educativa. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/relorealca.pdf>>. Acessado: em out. 2005.
- Estrela, Albano. (1994). *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. Lisboa: Porto Editora, 4. ed.
- Haddad, Sérgio. (2002). *Educação de Jovens Adultos no Brasil (1986-1998)*. Brasília, MEC/INEP/COMPED.
- Hareven, Tâmara K. (1999). Novas imagens do envelhecimento e a construção social do Curso da Vida. In: Debert, Guita Grin (org.). *Cadernos PAGU: Gênero em Gerações*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n. 13, p.11-35.
- Lloret, Caterina. (1997). Las otras edades o las edades del outro. In: Larrosa, Jorge; Núria Péres de Lara, (compiladores). *Imágenes del otro*. Barcelona: Virus Editorial, p.11-20.
- Mannheim, Karl. (s/d). O problema das gerações. In: Mannheim Karl. *Sociologia do Conhecimento*. Porto: Rés Editora. Tradução: Maria da Graça Barbedo. p.115-176.
- Salles Oliveira, Paulo. (1999). *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: HUCITEC; FAPESP.
- Small, Christopher (1984). *Music, society, education: a radical examination of the prophetic function on music in Western, Eastern and African cultures with its impact on society and its use in education*. Londres: John Calder.
- Souza, Jusamara (Org.) (2004). Práticas musicais e práticas sociais. *Revista da ABEM*, n. 10, p. 7-12.
- Sposito, Marília Pontes (2001). Juventude: crise, identidade e escola. In: Daynell, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2. ed. p. 96-104.